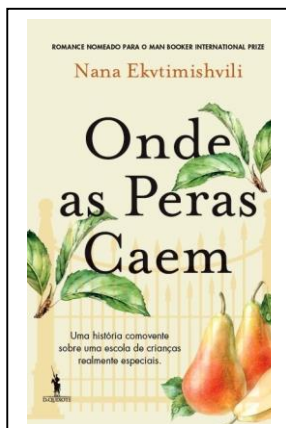
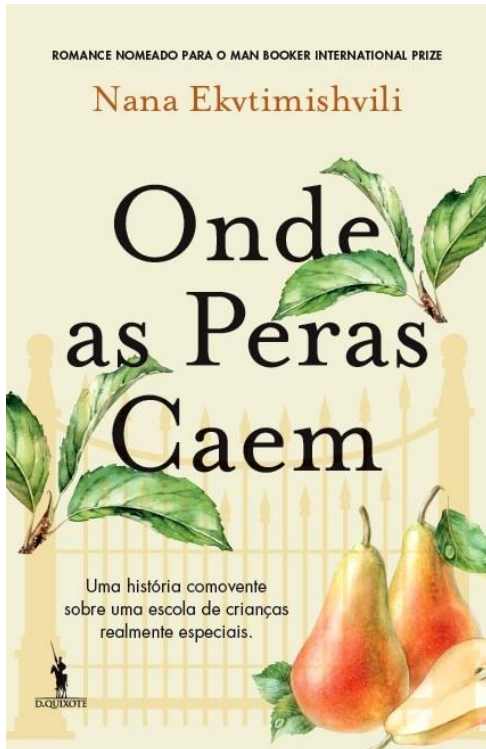


**[Onde as peras caem]
[Nana Ekvimishvili]****[Nana Ekvimishvili] Biografia:**

Nana Ekvimishvili, nascida em Tbilisi, Geórgia, em 1978, é escritora e diretora de cinema. Ela estudou cinema e dramaturgia em Potsdam-Babelsberg. Publicou histórias pela primeira vez em 1999 e em 2011 dirigiu o seu primeiro filme curta-metragem, *Waiting for Mum*. Em 2013, ela e o parceiro Simon Gross lançaram a longa metragem *In Bloom*. Estreou na 63ª Berlinale, onde foi saudado como o nascimento da nova onda georgiana e ganhou o prémio CICA Award, seguido por vários prémios de filmes em festivais em Hong Kong, Tóquio, Paris, LA e Sarajevo, e foi a entrada da Geórgia para o Oscar 2014 de Melhor Filme Estrangeiro. Em 2013, Ekvimishvili – novamente com Simon Gross – foi escolhida como um dos dez diretores europeus mais promissores pela *Variety* – os dez diretores a serem observados no 48º Festival de Cinema de Karlovy Vary. Seu último filme, *My Happy Family*, foi lançado pela primeira vez no Sundance Film Festival em 2017. *Onde as peras caem* é seu primeiro romance. Foi selecionado para o International Booker Prize de 2021, o Warwick Prize for Women in Translation de 2021 e selecionado para o BERD Literature Prize. Prémios (seleção): Warwick Prize for Women in Translation 2021 International Booker Prize 2021 BERD Literature Prize 2021 Saba Literary Prize para melhor estreia 2015

**Sinopse de [Onde as Peras Caem]**

Lela, a protagonista deste romance, tem duas certezas na vida: a de que o seu professor de História tem de morrer e a de que ela precisa de começar uma vida nova para lá desse campo onde as peras caem. Numa Geórgia recém-independente, nos arredores de Tbilisi, fica uma casa apalaçada onde funciona uma instituição que acolhe órfãos e crianças com deficiência mental. É conhecida por Escola dos Idiotas, ainda que a maioria dos que hoje ali vivem – como o pequeno Irakli – tenham sido simplesmente abandonados pelas mães por desespero e não sofram de qualquer doença mental. Porém, em lugar de serem acarinhadas e educadas, as crianças da Escola dos Idiotas recebem dos professores sobretudo lições de negligência e abuso. Com dezoito anos feitos, Lela já tem idade para poder deixar o estabelecimento, mas está lá há tanto tempo que não se lembra de ter tido família. E, não sabendo para onde ir, aceita um trabalho na instituição para poder planear à vontade a sua vingança suprema e, ao mesmo tempo, preparar a adoção de Irakli por um casal norte-americano. Mas nem tudo corre como planeado... Este é um retrato poderoso, mas sem sentimentalismos, de um grupo de jovens que se defendem mutuamente da crueldade do mundo dos adultos. Premiado e aplaudido pela crítica e pelo público, ficará seguramente na memória de todos os leitores.



Leitura da Semana: Onde as Peras Caem, de Nana Ekvtimishvili

Esta semana, Paulo Serra convida a ler uma obra de Nana Ekvtimishvili. A escritora georgiana apresentará o seu romance em Lisboa esta quarta-feira, dia 18, às 18:30, na Livraria LeYa na Buchholz.

[09:08 17 Maio, 2022](#) | [POSTAL](#)

Paulo Serra, doutorado em Literatura na UAlg e Investigador do CLEPUL

Onde as Peras Caem, de Nana Ekvtimishvili, com tradução de Maria do Carmo Figueira, é uma leitura deliciosa a fazer de um só fôlego. A escritora georgiana apresentará o seu romance em Lisboa esta quarta-feira, dia 18, às 18:30, na Livraria LeYa na Buchholz.

Numa prosa cirúrgica, aparentemente simples, tece-se o retrato fero, poderoso, sem sentimentalismos, de um país jovem, numa história que caminha num reverente equilíbrio entre a alegoria e uma fantasia assustadoramente realista. Esta obra publicada agora pela Dom Quixote, venceu o Prémio de melhor romance georgiano (2014-2015), o Saba Literary Prize, o Litera Prize, e foi nomeada para o Man Booker International Prize.

Numa Geórgia recém-independente, no final do século passado, nos arredores de Tbilisi, fica uma casa apalaçada onde funciona uma instituição. Conhecida por Escola dos Idiotas, acolhe órfãos e crianças com deficiência mental. Cedo perceberemos que, afinal, nesta escola de crianças «lentas» ou «atrasadas», a maioria foi simplesmente abandonada por mães em desespero, em fuga para um país e uma vida melhores – como é o caso do pequeno Irakli.



Nana Ekvimishvili é escritora e uma realizadora mundialmente premiada, com o filme *In Bloom* – Foto D.R.

A narrativa na terceira pessoa, acompanha a perspetiva de Lela, a protagonista, uma jovem que já atingiu a maioridade, com dezoito anos feitos, e a idade suposta para deixar o estabelecimento. Terminou a escola há 3 anos, mas não sabe para onde ir, nem se lembra de ter tido família. Por isso, opta por ficar, ao aceitar um trabalho na instituição, tornando-se uma espécie de mentora das crianças, ao mesmo tempo que prepara a sua vingança, face a um dos professores da escola, e vice-diretor, um elemento nocivo à inocência dos mais pequenos. Simultaneamente, Lela incentiva ainda a adoção do seu amigo Irakli por um casal norte-americano.

Lela, uma jovem que parece recusar-se a seguir com a sua vida adulta, livre e independente do local onde cresceu, parece representar uma Geórgia recém-independente que é, também, um país em ruínas: «Quando a União Soviética se desfez, as suas vidas ruíram.» (p. 10) Um país jovem, que depois do colapso da União Soviética, passa ainda por uma guerra civil e por um golpe. Uma nação que depende de ajuda humanitária. Daí que o único que possa ter futuro seja Irakli, em vias de ser adotado e levado por um casal norte-americano, deixando assim a Escola, Lela, a vã esperança do regresso da mãe, e aquele «país que tem a magia de um conto de fadas» (p. 141). Os outros, que arriscaram tentar o mundo exterior, como Gubaz, «filho único amado» (p. 36), foi fazer o serviço militar e enlouqueceu de imediato.

Nana Ekvimishvili nasceu em 1978, em Tbilisi, na Geórgia. É escritora e uma realizadora mundialmente premiada, com o filme *In Bloom*.

A estreia de Nana Ekvtimishvili é uma história comovente de opressão e fuga, que dá um golpe de lado na negligência da sociedade em relação aos vulneráveis. Traduzido por Elizabeth Heighway.

Nos arredores de Tbilisi fica a Escola Residencial para Crianças com Deficiência Intelectual - ou, como os locais chamam - a Escola para Idiotas. Abandonados pelos pais, os alunos aqui recebem aulas de violência e negligência. Aos 18 anos, Lela tem idade suficiente para sair, mas fica para proteger Irakli, um menino da escola. Quando um casal dos EUA decide adotar uma criança, Lela está determinada a fazer tudo o que puder para ajudar Irakli a aproveitar ao máximo essa chance.



Nana Ekvtimishvili

Nana Ekvtimishvili, nascida em Tbilisi, Geórgia, é escritora e diretora de cinema. Publicado em 2015, *The Pear Field* é seu primeiro romance.



Elizabeth Heighway

Elizabeth Heighway trabalha como tradutora de georgiano e francês desde 2010.



PERGUNTAS E RESPOSTAS

Nana Ekvtimishvili e Elizabeth Heighway no campo de pêras

Nana Ekvtimishvili e Elizabeth Heighway respondem às nossas perguntas sobre o romance *The Pear Field*.

A autora Nana Ekvtimishvili e a tradutora Elizabeth Heighway sobre como é ver *The Pear Field* na lista para o International Booker Prize 2021 e muito mais.

Nana, como tem sido estar na lista?

Eu não podia acreditar! Fiquei cheia de gratidão para com o meu tradutor e para com o meu editor!

*Como você resumiria *The Pear Field* em uma frase?*

Todo mundo à beira do campo de pêra tem sua própria família imaginária.

Por que você decidiu escrever sobre crianças com deficiência?

Para mim, foi mais escrever sobre crianças com habilidades para sobreviver. Fui criada ao lado dessas crianças como vizinha na Kerch Street na década de 1990, e naquela época parecia estar no limite do mundo – um lugar para o qual você nunca quer voltar, mas que nunca esquecerá.

Você também é uma diretora de cinema premiada. Como os mundos do cinema e dos livros se comparam?

Cinema e literatura são como confissões diferentes. Fazer os dois até contradiz o outro. Como cineasta, você está lidando com o mundo exterior, mas quando escreve, está lidando com seu próprio mundo. Fazer filmes é sempre compartilhar, enquanto escrever é como fazer seu próprio bolo sozinho. E você deve amar, você deve amar estar sozinho! Outra diferença importante para mim também é que o cinema exige de você algum tipo de luta por tudo, para convencer as pessoas, para conseguir o que você precisa, enquanto a literatura não precisa de nada disso. Não importa como você se sinta, a literatura sempre tem a porta aberta para você.

Cinema e literatura são como confissões diferentes.



— Nana Ekvtimishvili

Oi Elizabeth, como tem sido estar na lista?

Bastante esmagadora, para ser honesto! Quando comecei este projeto decidi que seria minha última tradução do georgiano, por vários motivos, e tê-la tão bem recebida é simplesmente maravilhoso. Estou na lua por Nana também; a longa lista é fantástica este ano e este é um prêmio incrível para um primeiro romance.

*O que você gostou na tradução de *The Pear Field* ?*

Ele me transportou direto para a Geórgia que eu vi quando visitei pela primeira vez em meus vinte e poucos anos em 1996, na época em que *The Pear Field* está definido. Foi um período caótico e desafiador para a Geórgia, vindo após o colapso da União Soviética, uma guerra civil e um golpe, e a viagem me marcou profundamente. A escrita de Nana é tão intensamente evocativa e sua atenção aos detalhes tão aguçada que, ao lê-la, tive uma resposta de corpo inteiro às palavras na página – eu podia ver as ruas e os prédios tão claramente, ouvir as crianças gritando no quintal, até recordar a sensação do ar na minha pele. Georgia era realmente o caso de amor dos meus vinte anos, então isso foi muito especial.

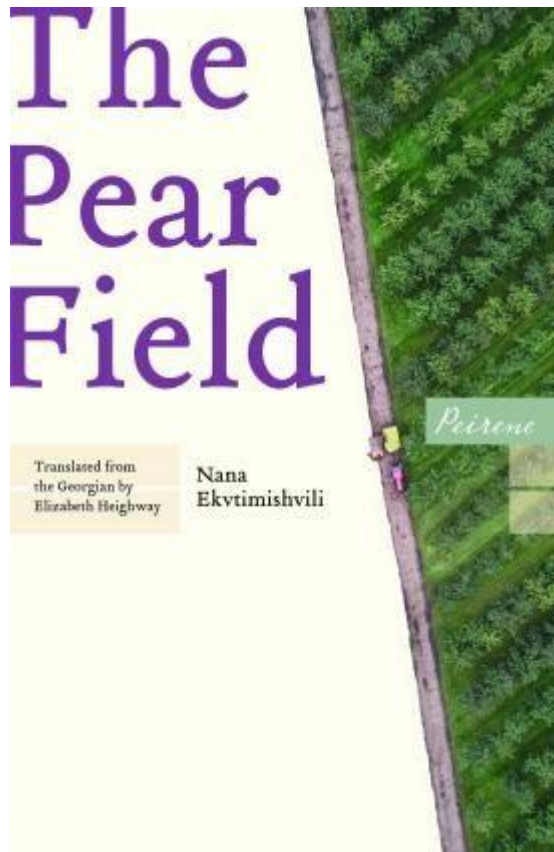
Você traduz principalmente do francês, qual idioma você prefere traduzir para o inglês?

Acho que não tenho preferência, na verdade, e obviamente a segunda parte do processo de tradução – brincar com o texto em inglês – é praticamente a mesma para os dois idiomas. Traduzir do georgiano é definitivamente mais um exercício, e realmente ilumina o processo de trabalho entre dois idiomas: o francês é consideravelmente mais próximo do inglês em termos de sintaxe, gramática, vocabulário e tudo mais, por isso é um pouco mais suave montar, encontrar as palavras certas em inglês para preencher 'slots' de frases amplamente semelhantes, enquanto com o georgiano parece mais como dar uma marreta em cada frase e depois tentar juntar as peças em uma configuração totalmente nova, e isso é emocionante e exaustivo em igual a medida.

Por que você decidiu se tornar um tradutor?

Porque durante meus estudos algumas pessoas sugeriram que eu poderia fazer um trabalho decente, basicamente! Fiz tradução comercial por alguns anos e depois tentei a literatura, e isso pareceu desbloquear uma parte totalmente nova do meu cérebro. Na verdade, sou autista e acho muito difícil me expressar em palavras – estou ciente da ironia – e embora eu adore ler, verbalizar minha resposta à literatura também nunca foi fácil. A tradução é

minha resposta à literatura, suponho, e também é minha saída criativa. Não sou nada bom como escritor, mas quando pego as palavras de outra pessoa e tenho que reexpressá-las em inglês, é como se minha criatividade tivesse encontrado suas asas. Eu amo isso.



O Campo de Peras

Por Nana Ekvimishvili

Traduzido por Elizabeth Heighway

Publicado por Imprensa de Peirene

A estreia de Nana Ekvimishvili é uma história comovente de opressão e fuga, que dá um golpe de lado na negligência da sociedade em relação aos vulneráveis. Traduzido por Elizabeth Heighway.

Jovem nos anos 90: em seu romance de estreia, a diretora Nana Ekvtimishvili explora uma década que a maioria dos georgianos quer esquecer



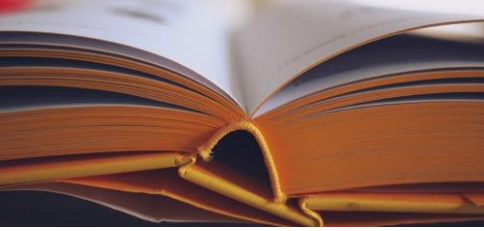
Imagem: Irma Sharikadze

A premiada diretora Nana Ekvtimishvili fala ao The Calvert Journal sobre transformar sua obsessão pelos anos 90 pós-soviéticos na estreia literária.

5 de novembro de 2020

Texto: [Matt Janney](#)

Nana Ekvtimishvili é mais conhecida por documentar as lutas privadas da vida na Geórgia na década de 1990 por meio de filmes. Ao lado de seu parceiro de direção Simon Groß, Ekvtimishvili aborda alguns dos problemas sociais mais prementes da Geórgia pós-soviética em seus premiados longas, *In Bloom* (2013) e *My Happy Family* (2017). Parte de uma nova onda de diretores georgianos (que também inclui Tinatin Gurchiani e Zaza Urushadze) expressando a turbulência particular dos anos 90 através da arte, Ekvtimishvili encontrou uma maneira de comunicar as provações íntimas de um país em



transição, livre de didatismo ou sentimentalismo. Ela conseguiu isso transportando seus espectadores para mundos atrás de portas fechadas, deixando-os tocar e sentir os cumes e solavancos da vida cotidiana da Geórgia.

Ekvtimishvili voltou agora ao cenário familiar dos anos 90 em seu romance de estreia, *The Pear Field*, publicado pela Peirene Press, uma editora sediada no Reino Unido que já foi apropriadamente descrita como especializada em "cinema literário". *The Pear Field* acontece em uma escola residencial para crianças com deficiência – o que os vizinhos chamam impiedosamente de "Escola para Idiotas" – nos arredores de Tbilisi. Um ambiente torturante onde a crueldade e o abuso prosperam, a escola remonta aos pesadelos dos orfanatos da era soviética descritos no livro de memórias russo de Ruben Gallego, *White on Black*. Para um personagem, a promessa distante de ser adotado por uma família estrangeira oferece uma saída. Para outro, é a morte.

Embora o romance possa ser visto como uma extensão de seu trabalho cinematográfico, Ektimishvili enfatiza sua separação. "Quando você está fazendo um filme – é um projeto, começa e termina", ela me conta pelo Zoom de sua casa em Berlim, Alemanha. "É muito artificial: você organiza as coisas, compra coisas, monta, tenta criar algum contexto. Mas quando estou escrevendo, só preciso de papel e caneta. Sinto que estou perto de mim."

Se a forma literária fornece a Ekvtimishvili o espaço para a autodescoberta, o assunto do livro é igualmente pessoal. "Eu morava ao lado desta escola; dividimos uma cerca para que o quintal deles e nosso quintal ficassem um ao lado do outro", diz ela. "Em algum momento, quando voltei para a Geórgia, essas memórias ganharam vida. Comecei a descobrir aquelas crianças na rua, mendigando, pedindo dinheiro às pessoas. Então, eu queria deixar os leitores entrarem neste mundo, ficar ao lado dessas pessoas, em vez de estar acima delas."

Quando criança, disseram a Ekvtimishvili que "famílias normais não deveriam brincar com essas crianças", uma mentalidade que reflete a negligência mais ampla das crianças vulneráveis experimentadas no período soviético e pós-soviético. Na última década, a Geórgia implementou grandes reformas na assistência à infância, fechando antiquados orfanatos estatais e introduzindo leis para proteger crianças sem-teto. "É uma situação completamente diferente agora", diz Ektvimishvili. "Mas essas coisas que descrevo no livro eram típicas dos países soviéticos. Claro, o livro é ficção e os personagens não são reais, mas eu diria que tudo no livro poderia ter acontecido em escolas soviéticas ou pós-soviéticas na Geórgia", diz ela.

Assim como em seus filmes, que muitas vezes apresentam quadros congestionados e diálogos intensos, há uma densidade sensorial semelhante



à prosa de Ekvtimishvili. “Eu estava realmente focada em descrever a geografia naturalista da escola”, diz ela. Veja suas descrições dos quartos da escola: “É o cheiro de crianças sujas, ou às vezes de roupas lavadas com sabão em pó; o cheiro de lençóis mofados e roupas de cama de segunda mão; o cheiro de lamparinas de parafina e, no inverno, de fogões a lenha; o cheiro de poltronas velhas e fita adesiva cobrindo rachaduras nas janelas e plantas de malva chinesa alinhadas no peitoral.” O efeito sobre os sentidos é opressivo e avassalador. E, no entanto, sua prosa permanece límpida e leve, deslizando facilmente entre a descrição e o diálogo.

Eu tenho apenas uma vida e os anos 90 deixaram em mim algo que parece sem fim

Nascida em 1978, a adolescência de Ekvtimishvili foi passada durante os turbulentos anos 90, antes de partir para estudar na Alemanha aos 20 anos. meses antes da dissolução do sindicato. E, no entanto, como todas as crianças, ela fala sobre um sentimento de desconexão juvenil dos ventos de mudança ao seu redor. “Por um lado, minha vida adolescente foi absorvida pela política. Meus amigos e eu acabamos de conversar sobre política”, diz ela. “E, por outro lado, senti que estava no limite do mundo.”

Escrever sobre suas experiências dos anos 90 – uma época traumatizante que muitos georgianos preferem não revisitar – também atraiu críticas. “Ouço muitas vezes, na Geórgia, que as pessoas não suportam ler sobre os anos 90 ou ver filmes sobre os anos 90 ou mesmo falar sobre os anos 90”, diz ela. “Mas para mim, não estou procurando drama; esta não é minha intenção. Era apenas a minha vida. Eu tenho apenas uma vida e os anos 90 deixaram em mim algo que parece interminável.” Apesar da pressão externa, Ekvtimishvili não se intimida e já esboçou seu segundo livro. “Se passa nos anos 90 e é uma história sobre uma família. Em particular, a relação entre uma adolescente e seu pai que volta da guerra na Abkhazia e tenta de alguma forma conviver com sua família”, diz ela.

Há alguma arquitetura familiar aqui: disparidade intergeracional, os efeitos da guerra, agitação doméstica. Mas também, algo mais ontologicamente desafiador que, embora muitas vezes invisível, está sempre em jogo no trabalho de Ekvtimishvili. “Talvez seja sobre a impossibilidade de coexistência”, acrescenta ela, um elegante resumo do problema filosófico que sustenta seu projeto artístico como um todo.